

FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS DE PROFESSORES DO CURSO DE FARMÁCIA: UM ESTUDO DE CASO

Wanessa Cristiane Gonçalves Fialho

Universidade Estadual de Goiás, wanessafialho@bol.com.br

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida como monografia no curso de especialização onde procuramos buscar dados sobre a formação dos professores no Curso de Farmácia. A presente pesquisa teve como objetivos: identificar o tipo de formação do professor do Curso de Farmácia e relacionar a experiência profissional ao seu preparo acadêmico para a docência. Em termos metodológicos, utilizou-se a aplicação de questionário, conversa com os professores, bem como levantamento bibliográfico com base na literatura da área, além de documentos oficiais para o embasamento teórico. Através das análises dos dados coletados, pôde-se perceber que o tipo de formação desses professores é insuficiente para fornecer um ensino de qualidade.

Palavras-chave: Formação inicial. Práticas docentes. Preparo profissional.

**TEACHING AND PRACTICES OF TEACHERS OF A PHARMACY COURSE:
A CASE STUDY**

Abstract: This paper is the result of a monograph for a specialization course on teachers' training of a course in Pharmacy. Thus, this research aimed to identify the type of teacher training of the Course of Pharmacy and relate the experience to their academic preparation for teaching. In methodological terms, we have used questionnaires, interviews with the teachers, and the specific literature, as well as official documents. The data analysis reveals that the training of these teachers is insufficient to provide a quality education.

Keywords: Initial training. Teaching practices. Professional preparation.

Introdução

A formação inicial, adquirida na graduação, representa um ponto de partida para o futuro profissional que ingressa no mercado de trabalho. Independentemente do curso realizado na graduação, este nível de ensino é considerado fundamental para o sucesso da maioria dos profissionais. Para o farmacêutico, isso não é diferente. Este, precisa da formação superior, para que possa aprender, desde o início do curso, o significado da maioria dos conhecimentos específicos desta área, como, por exemplo, o que é fármaco e quais são as diferenças entre veneno e medicamento.

Ao fazermos uma especialização na área de Farmacologia, nos interessamos em saber a realidade dos futuros profissionais farmacêuticos que estão chegando ao mercado de trabalho. Será que as Instituições de Ensino Superior possuem professores preparados para lecionar e auxiliar, dessa forma, os futuros profissionais que ingressam no mercado de trabalho?

Ao refletirmos sobre nossos estudos na graduação, lembramos de Nóvoa (1995), ao discutir como nos tornamos o professor que somos, e, que essa identidade é construída ao longo de nossas vidas, através dos exemplos que tivemos, no passado, dos nossos professores, dentre outras experiências, etc.

Os documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, 9394/1996, são precisos quanto à definição e os deveres das Instituições Educativas Superiores (IES) para com os futuros profissionais que entram no mercado de trabalho. Mas, a LDB deixa algumas lacunas, entre as quais, permite a contratação maior de

especialistas, ao invés de mestres e doutores nos diferentes cursos de graduação, nas Instituições Superiores Particulares; o que pode levar a uma qualidade de ensino inferior, com relação às Universidades Públicas. Estas, normalmente, têm em seus quadros docentes, professores mestres, doutores e pós-doutores.

Diante a essas indagações, interessou-nos investigar, na cidade de Uberlândia - MG, uma das Faculdades Particulares que possui o Curso de Farmácia, para buscarmos respostas a essa dúvida, quanto ao preparo do professor neste curso superior.

Apoiados em nossas investigações, esta pesquisa teve como objetivos: identificar, no curso de Farmácia de uma Instituição Superior de Ensino Particular, o quanto a formação docente direciona, esses profissionais, para a área de farmácia em si e para a área da docência; e relacionar as experiências profissionais identificadas – bacharelado ou licenciatura – no curso de Farmácia, percebendo seus impactos para a formação dos futuros profissionais.

O panorama atual da formação superior no país

Em tempos modernos, os alunos precisam aprender a lidar com as constantes transformações do mercado de trabalho, no campo científico – tecnológico, na vida, e em sociedade. Para que isto ocorra, eles precisam ter uma base de conhecimentos gerais e duradoura, que os favoreçam na análise crítica do meio onde vivem e trabalham. Todas essas exigências são cobradas tanto dos alunos, como dos professores, assim nos informa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), (Lei nº 9394/96).

Para que o ensino atenda às exigências do mundo atual, é preciso que as universidades, em seus cursos de graduação, também modifiquem as suas práticas. Segundo essas novas exigências que a sociedade pede, cabe aos professores a inclusão, em suas aulas, de novas metodologias de ensino.

Também é verdade que vivemos uma época de expansão do Ensino Superior no País. No passado, existiam, em grande maioria, Instituições Superiores Públicas, a princípio situadas nas principais capitais do Brasil. Hoje, o cenário que vivenciamos é outro. As faculdades particulares estão se instalando em diversas regiões, no interior e nas capitais. Não podemos deixar de citar a presença do ensino a distância, que faz chegar os cursos de graduação e os de pós-graduação nos mais distantes municípios do nosso Estado brasileiro.

As universidades federais também entraram nessa época marcada pela expansão da educação em nível superior, com o programa de expansão universitária, promovido pelo governo federal. Dessa forma, novos campi universitários vêm se consolidando a cada semestre, principalmente nas regiões mais afastadas dos grandes centros, como as regiões norte e centro-oeste, por exemplo.

Nessa progressão de aumento das vagas oferecidas nos cursos de graduação, o curso de farmácia também vem seguindo esse avanço. Segundo Brandão (2008, p. 7), “Hoje, há 306 cursos de Farmácia, no Brasil. Destes, 266, correspondentes a 87%, são particulares e 13%, públicos.”

A partir desses dados, refletimos sobre a atual situação da expansão do curso de Farmácia, no Brasil, uma vez que já totalizam 306. Ao fazermos nossa reflexão, pensamos na verdadeira situação desses cursos que formam alunos todos os

semestres. Será que estes cursos estão preparando realmente esses alunos para o mercado de trabalho? Pensar nesta questão nos remete a outros questionamentos, como, por exemplo: qual é a formação desses professores do curso de Farmácia? Eles têm experiência na docência superior e com alunos deste curso?

Todas essas questões foram importantes para buscar a pesquisa sobre esse campo de análise. Uma vez que o Ensino Superior, segundo a LDB, Lei 9394/1996, deve “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua.” (p.22).

A LDB, neste sentido, afirma que a Educação Superior deve preparar profissionais competentes para o mercado de trabalho. Ela não faz nenhuma menção com relação aos futuros docentes que vão atuar nos cursos superiores, por exemplo; basta para habilitá-los uma simples pós-graduação *lato sensu* de 360 horas.

Segundo Pimenta (2002, p.36): “... há certo consenso de que a docência no ensino superior não requer formação no campo do ensinar. Para ela seria suficiente o domínio de conhecimentos específicos, pois o que a identifica é a pesquisa e/ou o exercício profissional no campo.”

Sendo assim, o professor universitário não precisaria ter, necessariamente, experiência na docência, mas sim, na área específica que atua profissionalmente, no nosso caso, em farmácias, drogarias, manipulação, homeopatia, etc.

Como afirma Pimenta (2002):

...diz o dito popular, “quem sabe faz” e “quem não sabe ensina”. Nesse conceito, o professor é aquele que ensina, isto é, dispõe os

conhecimentos aos alunos. Se estes aprendem ou não, não é problema do professor, especialmente do universitário, que muitas vezes está ali como uma concessão, como um favor, como uma forma de complementar salário, como um abnegado que vê no ensino uma forma de ajudar os outros, como um bico, etc. (p.36).

Nessa perspectiva, se o aluno da graduação não aprende, não é culpa do professor. Ele, muitas vezes, está ali para preencher o seu tempo ocioso, ou ainda, conhecer mais pessoas para aumentar a sua rede de relacionamentos. Ainda, segundo essa autora, o que prevalece, nas instituições de ensino superior, é o total despreparo docente para lecionar. Pois, nos cursos de bacharelado, entre eles, o de Farmácia, não se tem disciplinas pedagógicas, como a Didática, para auxiliarem, ainda mais, no preparo dos futuros professores para sua profissão de ensinar.

Deste modo, o professor se vê refém de uma disciplina na qual sua única função é repassar aos alunos os conhecimentos relacionados na ementa, sem modificações.

Uma vez que o mercado de trabalho, altamente competitivo, exige dos profissionais constantes atualizações, como forma de permanência no emprego, essa exigência do mercado leva a uma procura maior por atualizações, o que leva a expansão do ensino superior, tanto em nível de graduação, como de pós-graduação.

No país, essa expansão é estimulada pela LDB, Lei 9394/1996, ao lembrar a formação pedagógica exigida aos professores do ensino superior: “a preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado (art.66)”. Vale lembrar que não há exigência legal, em

termos gerais, de que os cursos *stricto sensu* tenham disciplinas de cunho pedagógico/didático. Em geral, essas disciplinas são oferecidas como optativas e não obrigatórias na maioria desses cursos de pós-graduação.

Já que essa expansão da Educação Superior vem ocorrendo, interessa-nos, ao pensarmos no ensino de Farmácia, buscar explicações a cerca da formação e preparo do professor que leciona para esse curso. Pois, como afirma Libâneo (2003, p.83): “é certo que formação geral de qualidade dos alunos depende de formação de qualidade dos professores”.

Sabemos que nos constituímos profissionais de acordo com os exemplos de professores que tivemos. Também nos formamos a partir das nossas experiências que temos ao longo da vida. E, quando não temos um referencial para uma prática inovadora, fica muito mais difícil de trilharmos novos caminhos neste mundo contemporâneo ao qual vivemos.

Pensando nisso, os Cursos Superiores, como todas as instituições escolares, precisam se destacar, se mostrarem diferentes de outros “centros” educativos, como as instituições culturais, a mídia e tantas outras. Isso poderá ser feito quando as escolas e as faculdades realmente conseguirem interagir na comunidade onde atuam ao proporem parcerias e atendimentos às necessidades locais, por exemplo.

Sabemos que os cursos de graduação apresentam uma série de obstáculos a serem transpostos. Geralmente nos Cursos de Farmácia, nos deparamos com um deles, que é o modelo de formação, segundo a racionalidade técnica. Esse modelo leva em consideração a transmissão dos saberes e o

modelo acadêmico tradicional¹. Percebemos isso durante o curso, nas aulas que costumam ser expositivas. Os educadores dão muita importância aos conhecimentos específicos da área (Farmacologia, Botânica, Imunologia, Parasitologia, etc), deixando em segundo plano, as disciplinas com um caráter humano² (ética, sociologia, filosofia, etc.). Outro ponto observado é o distanciamento entre a teoria e a prática. Ficamos na maior parte do curso em contato com os conhecimentos teóricos, isolados uns dos outros; e só nos últimos períodos podemos escolher um caminho, através dos estágios, obrigatórios ou não.

Considerando a importância da formação de um profissional competente, “que em primeiro lugar, tenha o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno” (MELLO, 2000, p. 43). Devemos buscar melhorias no ensino para que os alunos formados estejam cada vez mais preparados para o mercado de trabalho.

Libâneo (2003) mostra novas posturas que o professor deve levar em consideração para lecionar melhor nesses novos tempos, como, por exemplo, assumir o seu papel de mediador entre o aluno e o conhecimento; a utilização da interdisciplinaridade para promoção do intercâmbio entre os diferentes saberes; auxiliar aos alunos a aprenderem sempre, posto que as

descobertas hoje são constantes, e, o conhecimento então não pode ser tomado como uma verdade única e acabada. Além dessas, os professores devem deter o conhecimento da eficiente comunicação com seus alunos.

Assim, também devem ser observadas as habilidades desse professor para o trabalho em equipe, para que juntos, construam o currículo do curso. Além dos saberes específicos da docência que o professor está construindo ao longo da graduação, justamente com outros conhecimentos que adquiriu ao longo da vida, não podemos nos esquecer da utilização de novas metodologias pelas IES, que levarão os docentes a adquirirem novas práticas.

O educador também deve estar preparado para lidar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e isso deve ocorrer tanto na formação inicial, quanto na formação continuada, uma vez que estamos inseridos num ambiente, onde novas tecnologias sempre surgem; portanto, o professor tem que estar atualizado sempre, para acompanhar essas inovações.

A formação almejada está longe da que temos hoje, devido à crescente desqualificação do profissional docente, sua desvalorização perante a sociedade e sua desprofissionalização. Dessa forma, precisamos lutar por melhores condições: formação inicial de qualidade, melhores salários e valorização do profissional, bem como a maior interação entre a Universidade e o mercado de trabalho, para que possa existir uma maior interação entre teoria e prática. Além disso, é necessário um constante aprendizado, através da formação continuada.

Malusá (2004) nos mostra o papel da Instituição de Ensino Superior, que “é chamada a desempenhar um importante papel

¹ Este modelo tradicional, segundo a racionalidade técnica, privilegia o ensino das disciplinas específicas, como a patologia, a farmacologia, a botânica, etc., e tem como consequência o aprendizado fragmentado desses conhecimentos, sem interrelacioná-los entre si e com a realidade, o dia-a-dia do aluno.

² As disciplinas com caráter humano levam ao pensamento crítico, a pensar na realidade e em como as pessoas vivem e reagem as diferentes situações na sociedade e no seu cotidiano.

nas políticas educacionais nesse novo século, mas para isso precisa fortalecer-se tanto do ponto de vista institucional, como no que se refere aos seus valores educativos e sociais”. (p. 116).

Os caminhos trilhados da pesquisa

Para a realização deste trabalho, optou-se pela abordagem qualitativa, pois, entendemos que a pesquisa, assim como define Lüdke (1986), é um momento ímpar, onde se pode analisar um fato do cotidiano, através do referencial teórico, da prática, do pensamento e a partir dessas análises, promovemos a construção do pensamento refletido.

A preferência pela pesquisa no campo da formação docente, tendo-a como ponto de partida, está pautada em nossa própria prática e respaldada por Tardif (2000), ao afirmar que os saberes docentes não estão relacionados apenas à formação acadêmica que os professores tiveram inicialmente, mas também à sua prática cotidiana, além da formação contínua que adquirem ao longo da vida, desde que nasceram, nos mais diversos espaços: sociais, familiares, fazendo com que construam seus conhecimentos e os ressignifiquem durante as aulas.

No nosso caso, procuramos investigar se os professores do curso de Farmácia de uma Instituição de Ensino Superior de Uberlândia estão preparados para lecionar e auxiliar, dessa forma, os futuros profissionais a entrarem no mercado de trabalho. Para tanto, pretendemos identificar o tipo de formação desses professores. Também tentaremos relacionar a experiência profissional ao preparo desses docentes para lecionar no curso de Farmácia.

Por entender que a pesquisa só pode ser concebida de acordo com a realidade inserida dentro de um contexto histórico e social, e que, esta é única e dinâmica; diferente de outra instituição de ensino, nós optamos pela pesquisa qualitativa, para a análise do fato observado.

Ao investigarmos o tipo de formação dos professores, a pesquisa qualitativa é essencial, pois busca os fatos através dos dados obtidos de diversas fontes, se preocupando com o processo investigativo, suas nuances e descobertas ao longo do percurso e não somente com os resultados em si.

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa é cuidadosa, englobando uma série de dados: bibliográficos, pesquisa de campo, um contato maior com o objeto de estudo, etc. O que não quer dizer que ignora os dados quantitativos, que também podem ser analisados e inseridos nesta pesquisa, mas de uma forma complementar.

Rey (2002) ressalta a questão da complexidade da pesquisa, explicando a importância do pensamento do pesquisador para a produção do conhecimento, quando:

ênfata a condição do pesquisador como sujeito e a importância de suas idéias para a produção do conhecimento. A pesquisa se apresenta como um processo irregular e contínuo, dentro do qual são abertos de forma constante, novos problemas e desafios do pesquisador, que, longe de seguir uma linha rígida que organize os diferentes momentos do processo, se orienta por suas próprias idéias, intuições e opções, dentro da complexa trama da pesquisa. (p.9).

Dessa forma, o pesquisador, enquanto sujeito reflexivo de sua pesquisa insere-se nela, segundo os seus valores e suas motivações, que o levaram à busca de sentido subjetivo das ações sociais, conforme Weber (1991).

Assim, percebemos o caráter ímpar da pesquisa qualitativa, pois não existe uma realidade igual à outra, quando se leva em consideração, que numa dada Instituição de Ensino existem pessoas diferentes, realidades diferentes de outra Instituição, sem deixar de levar em consideração o contexto histórico, cultural e social, onde estão inseridas as faculdades.

Para a realização deste trabalho, foram seguidas três etapas: exploratória, obtenção de dados e análises.

Na observação do objeto de estudo, selecionamos a faculdade, dentre outras, por oferecer o curso de Farmácia. Após a pré-seleção de duas faculdades que ofereciam o curso, procuramos pessoalmente alguns professores para verificarmos a empatia deles para com a pesquisa. Ao entrarmos em contato com os docentes das duas faculdades, optamos por uma delas, devido à maior receptividade dos professores.

Ao buscarmos respostas à nossa dúvida e aos objetivos traçados, nos apoiamos na pesquisa qualitativa, utilizando dados também quantitativos. Dessa forma, este trabalho foi desenvolvido com o auxílio de sete professores do curso de Farmácia, que participaram, respondendo a um questionário (ANEXO 1).

Os docentes também foram selecionados segundo os seguintes critérios: receptividade para a pesquisa e ser professor do curso de Farmácia. É importante observar que o número de professores ficou estipulado em sete, devido à receptividade destes para com a pesquisa.

A quantidade de participantes tem menor influência na pesquisa, uma vez que esta é de caráter qualitativo. O fato de serem sete docentes pesquisados também não se relaciona com a quantidade de dados

obtidos, mas com a qualidade dessas informações.

Depois de termos delimitado o objeto de estudo e a escolha de uma das faculdades, passamos então, após a seleção dos educadores, à aplicação do questionário. Neste caso, foi explicado e conversado com os professores, quais seriam os procedimentos de obtenção dos dados, ou seja, a aplicação do questionário.

Esta etapa da pesquisa foi muito importante, pois nela foram adquiridos dados imprescindíveis para a posterior análise e execução dos objetivos a que se propõe este trabalho.

Resultados e Discussão

Os dados foram obtidos por meio de questionário, aplicado aos sete professores que lecionam no Curso de Farmácia. E, a partir dele, foi possível fazer uma análise qualitativa e quantitativa.

Através das informações fornecidas pelos sete participantes dessa pesquisa, pudemos traçar um perfil desses professores do Curso de Farmácia de uma IES, de acordo com os dados mostrados no quadro 1, abaixo:

QUADRO 1: Formação Inicial e continuada dos docentes participantes da pesquisa

Sujeitos	Sexo	Graduação	Ano de conclusão	Pública/Particular	Especialização/Conclusão
1	M	Farmácia (Bacharelado)	1996	Privada	1999/Privada
2	F	Farmácia (Bacharelado)	2003	Privada	2005/Privada
3	F	Farmácia	2000	Pública	2002/Pública

		a (Bacharelado)		ca	blica
4	M	Ciências Biológicas (Bacharelado)	1989	Pública	1991/Pública
5	M	Farmácia (Bacharelado)	1986	Pública	2006/Privada
6	F	Farmácia e Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado)	1992 (1ª) e 2006 (2ª)	Pública	1996/Pública 2007/Privada
7	F	Biologia (Licenciatura e Bacharelado)	2000	Pública	2002/Pública

Quadro elaborado pela autora, a partir do questionário (Anexo 1)

Os professores foram denominados e enumerados por “sujeitos” para preservar suas identidades. Dos sete participantes, três eram do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Quatro possuíam formação específica na área de Farmácia, dois eram formados em Ciências Biológicas, sendo um deles apenas bacharel, e o outro, bacharel e licenciado. Um dos professores era formado em Ciências Biológicas e Farmácia; sendo bacharel e licenciado.

A partir desses primeiros dados, podemos constatar que além de professores com formação específica na Farmácia, existiam também aqueles com formação diferenciada, como os licenciados, que

poderiam melhorar a relação ensino/aprendizagem durante as aulas.

Sobre esse fato, segundo Malusá (2003):

...o exercício da docência no ensino superior exige o domínio da área de conhecimento que se ensina associado ao conhecimento educacional e pedagógico, o qual possibilita ao professor planejar, desenvolver e avaliar a ação educativa com critérios científicos e de acordo com um projeto educacional pretendido (p.139).

Dessa forma, os professores licenciados estariam mais preparados para a prática docente, pois tiveram disciplinas específicas do magistério voltadas para a relação ensino-aprendizagem, como, por exemplo, a Didática, a Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado, na docência.

Outro aspecto observado por nós foi o ano de conclusão da graduação dos pesquisados, que varia muito, desde 1986 a 2006, sendo que a maioria (cinco deles) se formou em instituições públicas e apenas dois em instituições particulares.

Uma curiosidade aparece aqui, pois dos sete, um possuía duas graduações, uma em Ciências Biológicas e outra em Farmácia. Através do questionário, percebemos que esta pessoa, sujeito seis, era formada primeiro em Ciências Biológicas; e, depois, formou-se em Farmácia, sendo a segunda graduação responsável pelo seu exercício no Ensino Superior.

O último dado aqui analisado, quanto à realização ou não de especialização, pode-se comprovar que todos, sem exceção, possuíam algum tipo de especialização, sendo que três desses pesquisados a fizeram em instituições particulares, três em instituições públicas e um dos sujeitos, sujeito número seis, fez uma especialização em uma instituição pública e outra em uma

instituição particular. Este dado comprova o que está descrito na LDB, quanto ao grau de instrução dos professores que lecionam em Instituições Superiores, ou seja, devem ter, no mínimo, pós-graduação em nível *lato sensu* (especialização).

Ainda sobre a titulação desses professores, quando perguntado, na questão sete, se possuíam mestrado ou doutorado, a grande maioria, seis dos sete disseram não possuir nenhum dos dois. Apenas um, o sujeito quatro, disse ter mestrado na área de Ciências Médicas, Farmacologia, concluído no ano 2000, sendo que sua graduação era em Ciências Biológicas. Sobre esse assunto, Pimenta (2002), faz referência à importância da qualificação docente para se lecionar, com maior preparo e profissionalismo, que são traduzidos em uma qualificação mínima para se lecionar.

Ao analisarmos as respostas dos docentes, pensamos nas diretrizes da educação para o Ensino Superior e na porcentagem exigida de mestres e doutores para lecionarem nas faculdades e universidades. Os dados obtidos, nesta pesquisa, só vêm comprovar que a expansão da educação, em nível superior no País, leva ao aumento de docentes cada vez menos preparados para este mercado de trabalho, pois é menos dispendioso para as faculdades, a contratação de especialistas, ao invés de mestres e doutores.

Ainda sobre esse assunto, Pimenta (2002), afirma:

No caso dos professores de educação superior, as oportunidades de emprego vêm aumentando, com a expansão das instituições particulares de ensino, em todo o território nacional. A esse aumento numérico da empregabilidade não estão associados processos de profissionalização, nem inicial nem continuada, para os docentes universitários, pois as

exigências para a docência, nesse nível, se encontram associadas apenas à formação na área específica. Além disso, considerando que, muitas vezes, a atividade docente é assumida como mais uma atividade para a obtenção de renda, e não como profissão de escolha, os próprios docentes não valorizam uma formação profissional (p.129).

E isso leva a uma piora na qualidade do ensino, que, como consequência leva a um futuro profissional mal formado e despreparado para o mercado de trabalho.

Atrelada a esta questão da titulação, temos a pergunta de número oito: Você teve, em sua formação, alguma disciplina específica para a docência? É interessante notar que aqueles docentes que possuíam apenas bacharelado em Farmácia, sujeitos um, dois e cinco, disseram não ter feito nenhuma disciplina voltada para a docência. Desses, o sujeito de número um respondeu o seguinte:

S₁: “Não, para lecionar fiz especialização em Docência no Ensino Superior”.

Isso comprova, por um lado, as falhas na formação básica desses futuros bacharéis (professores) e por outro, a existência de cursos de formação continuada, em nível de especialização, para quem quer se atualizar no mercado de trabalho, altamente competitivo. Essa busca, pelos profissionais, por cursos que complementem sua formação, demonstra que estes também estão procurando meios para melhorar seu trabalho em sala de aula.

Pimenta (2002) também faz referência a este assunto ao afirmar que: “... a formação docente para o ensino superior ainda fica a cargo de iniciativas individuais e institucionais esparsas, que não se referem a um projeto nacional ou da categoria docente”(p.154).

Ainda sobre essa questão de número oito, os outros quatro docentes, sujeitos números três, quatro, seis e sete afirmaram ter, em sua formação, disciplinas relacionadas à docência. Estes assim responderam:

S₃: “*Sim. Didática no ensino/ metodologia e prática*”.

S₄: “*Sim. Didática em curso superior e seminários temáticos*”.

S₆: “*Sim. No curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas. Disciplinas: Estrutura e Funcionamento do Ensino (6meses), Didática 1 (6meses), Estágios Supervisionados 1 e 2 (6 meses cada). Também tive disciplinas relacionadas à docência no curso de Aperfeiçoamento ao Ensino de Ciências (UFMG)*”.

S₇: “*Sim. Metodologia do Ensino/Didática*”.

É importante lembrarmos que os sujeitos quatro e sete, são formados em Ciências Biológicas. Já o sujeito seis, possui formação em Ciências Biológicas e Farmácia; e o sujeito três, tem formação apenas em Farmácia, sendo que este último, não informou onde obteve essa formação voltada para a docência.

A próxima questão, de número nove, tem relação direta com essa questão anterior. Foi perguntado aos professores: qual (ais) é (são) a (s) contribuição (ões) de disciplinas específicas voltadas para a docência em sua formação? Por quê? É interessante notar que nesta questão, em especial, apesar de quatro dos sete participantes não terem formação específica para a docência, apenas um dos professores não respondeu, sujeito cinco, tamanha é a importância dessa área para se lecionar, conforme descrito:

S₁: “*As disciplinas voltadas para a área de licenciatura propiciam preparar as aulas*

de forma que o aluno aprenda mais facilmente”.

S₂: “*As disciplinas de licenciatura permitem planejar melhor as aulas*”.

S₃: “*Permitem alcançar de forma eficaz o objetivo do ensino*”.

S₄: “*Possibilita o planejamento de aulas*”.

S₆: “*Esclarecer o processo ensino-aprendizagem, o que facilita a relação do docente com o aluno e lhe permite uma melhor disponibilização do saber*”.

S₇: “*Melhor embasamento para a preparação das aulas*”.

Sobre a formação específica e pedagógica, Malusá (2003), se posiciona dizendo que:

É certo que muito se tem para discutir sobre o tema “Atualização Docente no Ensino Superior”, porém, é importante lembrar que apenas o domínio da área específica de atuação não garante ao professor, em nenhum momento, a capacidade de ensinar. Daí a necessidade de se criar um espaço coletivo e permanente para discussão sobre docência universitária (164).

Também não podemos esquecer que cursos diversos são fornecidos para atualização; um meio de acrescentar conhecimentos pedagógicos para esses professores que não os tiveram, em sua formação inicial, disciplinas ligadas à docência.

Após a análise dos dados anteriores, partimos para a última parte de apresentação e análise dos dados obtidos junto aos professores pesquisados. Nesta última parte, coletamos dados referentes ao tempo de docência no Ensino Superior e o lecionando para o Curso de Farmácia. Esses dados estão listados no quadro dois, abaixo citado.

QUADRO 2: Tempo que leciona no Ensino Superior

Sujeito	Tempo que leciona	Para o curso de farmácia	Nesta Instituição	Para o curso de Farmácia	Leccionou em outra IES?	Para o curso de Farmácia?
1	9	7	7	7	Sim	Sim
2	3	1	3	1	Não	Não
3	8	8	4	4	Sim	Sim
4	9	3	9	3	Sim	Não
5	6	6	6	6	Não	Não
6	3	3	3	3	Não	Não
7	5	3	5	Não	Sim	Não

Quadro elaborado pela autora, a partir do questionário (Anexo 1)

De um modo geral, podemos perceber que a maioria, cinco desses professores, leciona a pelo menos cinco anos no Ensino Superior. Quatro deles já lecionaram para outras instituições superiores, e, apenas dois, lecionaram para o Curso de Farmácia em outras instituições. Por outro lado, percebemos que a maioria dos docentes desta Instituição que leciona para o Curso de Farmácia, cinco deles, não têm tanto tempo de experiência na área específica (Farmácia).

Diante desse quadro, podemos afirmar que a maioria desses professores, quatro, não tem muita experiência para lecionar no Curso de Farmácia, pois apresentam, em média, três anos de experiência; e o sujeito número dois, somente um ano de experiência.

Outro dado analisado por nós foi o fluxograma do Curso de Farmácia dessa Instituição, que também tem relação direta com o tipo de formação desses professores do curso.

Ao analisarmos esse fluxograma, percebemos que, do total de disciplinas oferecidas, quarenta e duas delas são específicas do curso, ou seja, a grande maioria.

Já as disciplinas de caráter mais humanístico, de valor ético ou que levam ao aprendizado de conhecimentos não específicos estão representadas em menor quantidade, apenas nove. São elas: Introdução à Farmácia; Seminários temáticos I, II e III; Sociologia; Deontologia e Legislação Farmacêutica; Gestão Econômica e Empresarial Farmacêutica; Saúde Pública; Atenção Farmacêutica; Organização Industrial e Trabalho de Conclusão de Curso. É importante lembrar que essas disciplinas são essenciais para o bom relacionamento do futuro profissional com os pacientes e demais profissionais de diversas áreas onde irão atuar. São essas disciplinas que levam o aluno a ter maior segurança em falar para outras pessoas, se expressando da melhor forma para que seja entendido e, assim, os pacientes sigam corretamente o tratamento médico.

Além dessas, temos uma disciplina denominada Informática Aplicada à Saúde, voltada para outras habilidades que o mundo atual nos cobra. Essa disciplina também é essencial para aqueles futuros profissionais farmacêuticos que irão lidar, no dia a dia, com o controle de estoque, por exemplo, de um determinado estabelecimento onde esse controle é feito utilizando programas de computador.

E, por último, temos as atividades, extensões científicas e culturais, relativas a participações em eventos científicos, como os congressos, visitas técnicas a empresas; cursos de línguas ou outras atividades que o aluno deve desenvolver fora da Instituição. Essas atividades são importantes, pois através delas os alunos irão se atualizar, obtendo outros conhecimentos que não seriam apresentados em sala de aula. Desta forma, pode-se, por exemplo, conhecer indústrias farmacêuticas; tendo assim, um

primeiro contato com os profissionais responsáveis para o oferecimento de um futuro estágio.

Encontramos também a disciplina de Estágio Supervisionado, que começa no quarto período, e vai até ao término do curso; totalizando cinco períodos, e uma carga-horária total de oitocentas e dez horas. Os estágios são as disciplinas mais importantes para a escolha da área de atuação, pois é através deles que os alunos terão a maior interação teoria/prática, em tempo real. No cotidiano dos estágios, os alunos irão se familiarizar com o trabalho daquele profissional, percebendo, no dia a dia, a rotina e a vontade ou não de estar naquele campo, atuando.

Analisando esses dados do fluxograma, percebemos que o curso ainda tem um forte embasamento em disciplinas específicas, não se preocupando muito com a formação humanística e ética desse futuro profissional. Essa consequência reflete no número de professores também, com formação específica.

Considerações finais

Ao pesquisarmos, entre as Faculdades e Universidades instaladas em Uberlândia, MG, quais delas ofereciam o Curso de Farmácia, encontramos duas delas, particulares, entre as mais de dez existentes hoje na cidade.

Assim, foi investigado, para a presente pesquisa, uma dessas IES que contrata, em sua maioria, professores com o menor grau de qualificação, são na maior parte, especialistas, ao invés de mestres e doutores.

A consequência dessas contratações é catastrófica, pois encontramos no mercado de trabalho, profissionais malformados, despreparados e que aceitam trabalhar em

um estabelecimento, (farmácias, laboratórios e hospitais particulares) que deveria ser de promoção da saúde, muitas vezes com um subsalário ou em condições impróprias para o trabalho adequado. E o pior, esses profissionais recém-formados estão trabalhando como docentes em outras faculdades da região e até mesmo nesta IES, com apenas uma especialização. Sabemos que os cursos de mestrado e doutorado elevam a capacidade de investigação científica, dando à Instituição de Ensino a capacidade para a formação adequada do discente, ou seja, ensino, pesquisa e extensão.

Os professores do Curso de Farmácia pesquisados, em sua maioria, não têm formação pedagógica para lecionarem. Mas eles sabem da importância desse tipo de formação para lecionarem. Por outro lado, pudemos ver que eles não demonstram muita preocupação com a formação continuada. Percebemos uma falta de experiência da maioria deles para atuarem no Curso de Farmácia.

Enquanto aceitarmos este tipo de formação e o despreparo docente nos cursos de bacharelado, teremos futuros profissionais insatisfeitos e mal preparados, o que também traz prejuízos para a sociedade como um todo, e principalmente, para o setor da saúde. As consequências desse tipo de formação são encontradas nos mais diversos setores: públicos ou privados.

O currículo do Curso de Farmácia deve ser modificado, pois a teoria e a prática devem estar juntas; assim como a universidade também deve estar pronta para atender aos anseios da comunidade. Desta forma, os estágios não poderiam ser realizados apenas no fim do Curso, como foi em nossa época! Mas ao longo dele, para que todos os alunos tenham a oportunidade de colocar em prática o que

aprenderam na teoria. Obedecidos estes critérios, todos os estudantes fariam estágios nos laboratórios, hospitais e farmácias, por exemplo, independentemente se iriam atuar em uma área ou outra. Assim, teríamos, ao final do curso, muito mais vivência, segurança e confiança ao entrarmos no mercado de trabalho.

Ao compararmos o currículo da época de nossa graduação, com o currículo atual, dessa faculdade, percebemos algumas mudanças significativas. O nosso currículo era muito mais fragmentado. Ao chegarmos ao final do Curso, a turma era dividida, de acordo com as escolhas que fazíamos, alguns alunos iam para a turma das Análises Clínicas, outros iam para a turma da Indústria, e por último, uns faziam apenas o Curso de Farmácia, sem se especializarem numa área. Segundo o currículo atual, generalista, os alunos entram juntos e terminam o Curso juntos, pois as disciplinas obrigatórias são vistas por todos, e os estágios são realizados nas mais diversas áreas de atuação do futuro profissional. Mas ainda temos muito que mudar, pois o curso continua com um enfoque específico e as disciplinas de caráter humano ainda são oferecidas em menor quantidade. Deve haver uma maior interdisciplinaridade entre as duas, para que o futuro profissional entre no mercado de trabalho melhor preparado para atuar nas diferentes áreas e saiba interagir melhor com as pessoas que irá conviver no seu cotidiano de trabalho.

Depois de me formar também, em Ciências Biológicas, e fazer um Mestrado em Educação, pude perceber o quão importante é a área da licenciatura, com disciplinas pedagógicas, que nos ajudam na preparação docente. Percebemos que em nossa formação de bacharel, tínhamos apenas uma formação técnica, que foi

completamente modificada pela posterior formação humanística, adquirida na licenciatura e posteriormente no Mestrado. Este, também nos fez aprofundar ainda mais a parte pedagógica, pois no Mestrado em Educação vimos inúmeras disciplinas que são direcionadas às estratégias de ensino, pesquisa e extensão. Pudemos aprender através das disciplinas, como se monta um plano de aula com eficiência e estratégia para atingir aos anseios do educando.

Enfim, pudemos ver nesta pesquisa o quanto é importante investir em educação; e, trabalhar para um ensino de qualidade, e não de quantidade, como vemos por aí. Por tudo isso, devemos rever a situação atual dos formadores de profissionais bacharéis, privilegiando uma formação mais humanística, profissionalizante e de constantes atualizações. Pois, enquanto privilegiarmos apenas os conhecimentos específicos e esquecermos os conhecimentos pedagógicos estaremos perdendo uma formação mais completa, que propicie ao futuro farmacêutico ser mais seguro nas suas decisões e mais ético, acertando mais em sua atuação como profissional de saúde.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Aloísio. Revista *Pharmacia Brasileira*. Ano XI – número 66 – julho/agosto de 2008. ISSN. 1414-4794.

LDB - Leis de *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, Brasília, 20 de dezembro de 1996: Editora do Brasil.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. (Coleção Questões da Nossa Época; v.67). 7.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LÜDKE, Menga e André, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MALUSÁ, Silvana e FELTRAN, Regina Célia de Santis (Orgs). *A prática da docência universitária*. São Paulo: Factash Editora, 2003.

MALUSÁ, Silvana. *Didática - Qualidades e Aporias das Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino Superior*. In: SCRIPTORI, Carmen Campoy(org.). *Universidade e conhecimento: desafios e perspectivas no âmbito da docência, pesquisa e gestão*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 107-121.

MELLO, Guiomar N. *Magistério de 1º grau. Da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo: Pioneira, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido e ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

PINTO, Antônio Luiz de Toledo; WINDT, Márcia Cristina Vaz dos Santos & CÈSPEDES, Lívia. *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. São Paulo: Saraiva, 2006.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Don Quixote, 1995.

_____. *Vidas de professores*. 2ed. Portugal: Porto Editora. 1995.

PORTO, Tânia Maria Esperon. *As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis...relações construídas*. In: Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.31, v.11, jan./abr., p.43-57, 2006.

REY, Fernando Luis Gonzalez. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*, trad.: Marcel A. F. Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, 188p.

TARDIF, Maurice. *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários*. Revista Brasileira de Educação, nº 4, jan./fev./mar./abr., 2000.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Volume I. Brasília, DF: ed. Universidade de Brasília, 1991.

ANEXO 1

Questionário:

Sexo: Feminino: () Masculino: ()

1) Graduação em: Licenciatura () Bacharelado ()

2) Ano de conclusão da Graduação:

3) Instituição onde concluiu a Graduação: Pública: () Privada: ()

4) Possui outra graduação? Sim: (), qual(ais)? Não: ()

5) Possui especialização? Sim: () Não: ()

6) Ano de conclusão da (s) especialização (ões):__. Em Instituição: Pública: () Particular: ()

7) Possui mestrado () ou doutorado ()? Se a resposta for positiva, diga qual é a sua área de formação e o ano de conclusão.

8) Você teve, em sua formação, alguma disciplina específica para a docência? Se a resposta for positiva, diga o tipo de curso onde obteve essa formação, quais foram essas disciplinas e o tempo de duração.

9) Para você, qual (ais) é (são) a (s) contribuição (ões) de disciplinas específicas voltadas para a docência em sua formação? Por quê?

10) Há quanto tempo leciona no Ensino Superior?

11) E para o curso de Farmácia?

12) Há quanto tempo está nesta instituição?

13) E lecionando para o curso de Farmácia nesta instituição?

14) Você já lecionou em outras instituições superiores? Sim: () Não: ()

15) E para o curso de Farmácia? Sim: () Não: ()

16) Por quanto tempo?

Recebido em junho, 2013.

Aceito em dezembro, 2013.